

EDUCAÇÃO *Teste aplicado em 2.800 escolas revela que alunos não sabem questões básicas de matemática e português*

Avaliação do 2º grau é trágica, diz MEC

'Não adianta reprovar'

da Sucursal de Brasília

Os alunos que repetiram o ano mais de uma vez tiveram desempenho nos testes do Saeb bastante inferior aos colegas de série que estão na idade apropriada.

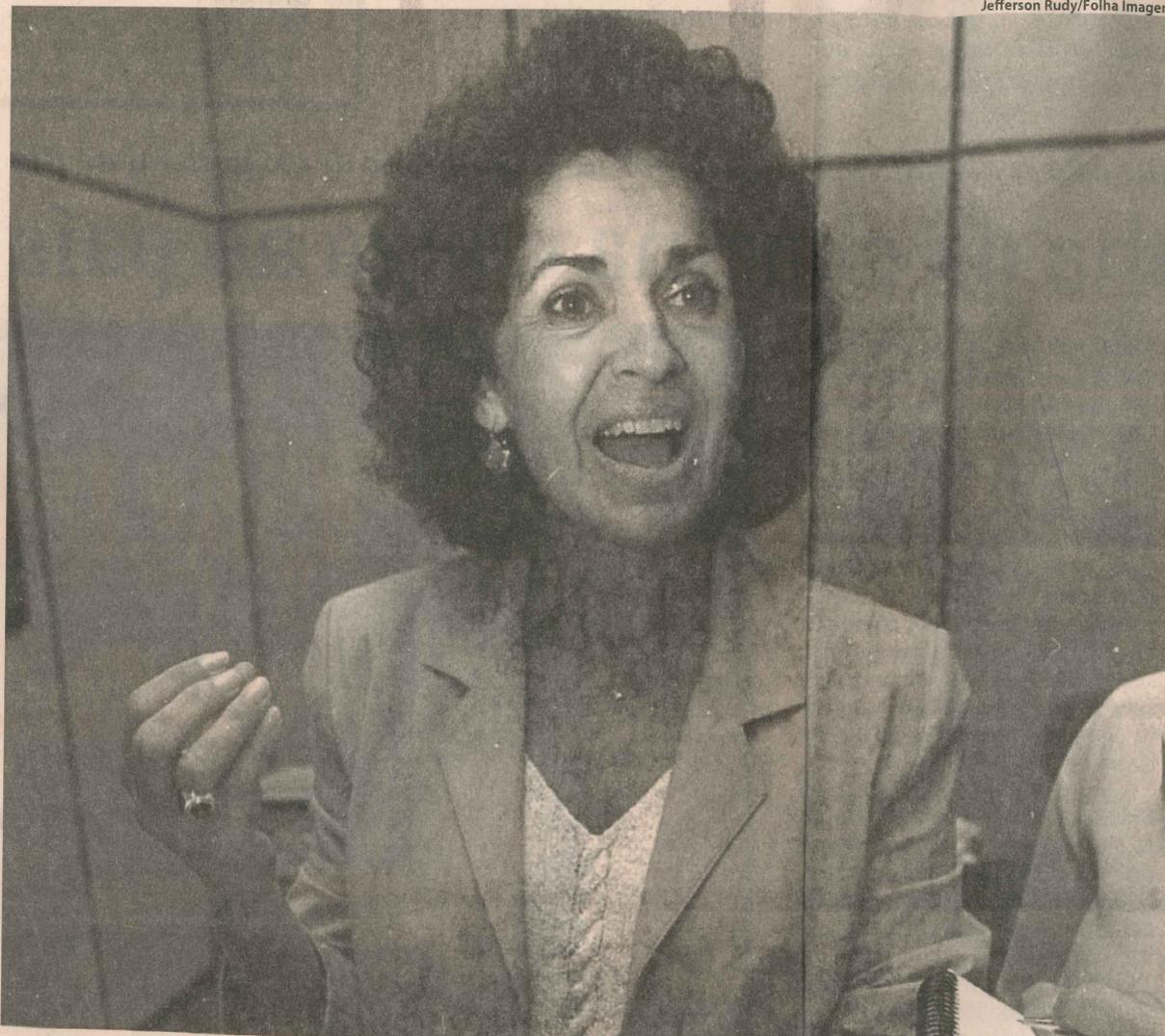
Para a secretária de Avaliação e Informação Educacional do MEC, Maria Helena Guimarães, ficou provado que "não adianta nada" reprovar os alunos que não obtêm o resultado esperado para a série.

Para Maria Helena, as chances de recuperação dos alunos reprovados serão mínimas.

Quanto mais velhos os alunos em relação ao resto da turma, pior foi o desempenho nos testes do Saeb.

Uma das saídas para evitar a manutenção dos índices de repetência, na avaliação do MEC, é dar reforço aos alunos em dificuldade ainda durante o ano letivo.

"Precisamos descobrir como vamos fazer isso. Mas do jeito que está não dá para continuar", disse. Hoje, apenas 50 de cada 100 alunos que entram na 1ª série



Maria Helena Guimarães de Castro, secretária de Avaliação e Informação Educacional do MEC

Avaliação do MEC

Desempenho dos alunos, em porcentagem

DANIELA FALCÃO
da Sucursal de Brasília

A qualidade do ensino fundamental no Brasil vem melhorando, mas ainda está "muito longe" de ser satisfatória.

A situação do ensino de 2º grau é ainda pior — "trágica", segundo avaliação do próprio MEC (Ministério da Educação e do Desporto).

Essas conclusões são do Saeb (Sistema de Avaliação da Educação Básica), cujos resultados foram divulgados ontem pelo Ministério da Educação.

O Saeb concluiu que 35% dos alunos da 4ª série não sabem somar números naturais e 32% não conseguem selecionar informações em textos simples.

Entre os alunos do 3º ano do 2º grau, mais de 60% não conseguiram responder a questões de matemática que deveriam ter aprendido na 7ª ou 8ª séries.

Os testes do Saeb foram realizados em novembro de 1995. Participaram 90,4 mil alunos de 2.289 escolas públicas e 511 particulares de todos os Estados brasileiros.

Foram avaliados estudantes da 4ª e da 8ª séries do 1º grau e do 3º ano do 2º grau.

Surpresa ruim

As conclusões negativas pegaram de surpresa o próprio MEC. "Fomos surpreendidos pelo péssimo desempenho dos alunos do 3º ano do 2º grau. Eles não dominam nem sequer conteúdos curri-

liação e Informação Educacional.

Somente 1% dos alunos do 3º ano do 2º grau conseguiram responder corretamente às questões de português que exigiam comparação entre textos de naturezas diversas, estabelecimento de relações de causa e efeito e a percepção de crítica, ironia e humor.

Analisando o desempenho por região, os alunos de 2º grau do Centro-Oeste são os que se saíram menos mal: 1,5% deles conseguiram responder às questões de análise de texto consideradas mais complexas (como ler poesias ou manuais de informática) e 7% às de matemática (cálculo da área de figuras geométricas, logaritmo e sistemas de 1º grau, entre outros).

Os do Norte tiveram o pior desempenho: só 0,5% dos estudantes responderam às questões de português, e 1%, às de matemática.

Velhos e cansados

Para o MEC, uma das principais causas do péssimo desempenho dos alunos do 2º grau é que 66% deles estudam à noite e 60% são maiores de 18 anos.

"Eles chegam às escolas velhos, porque já repetiram muitas vezes, e cansados, porque trabalham durante o dia e só podem estudar à noite. Assim, é muito difícil conseguir bons resultados", afirmou.

O Nordeste é a região que tem os alunos de 2º grau "mais velhos": 87% têm mais de 18 anos. "Não é de estranhar que os estudantes de 2º grau nordestinos tenham o se-

apenas 50 de cada 100 alunos que entram na 1ª série chegam ao fim do ginásio.

Má performance resiste nos EUA

MARTA SALOMON
da Sucursal de Brasília

Os técnicos responsáveis pelo diagnóstico alarmante da qualidade do ensino brasileiro guardam uma constatação ainda mais grave: não é fácil, nem tarefa rápida, mudar o desempenho dos alunos.

Diagnósticos semelhantes ao brasileiro vêm sendo apontados nos últimos 20 anos pelo sistema americano de avaliação, o Naep (The National Assessment of Educational Progress).

A performance dos alunos permaneceu praticamente estagnada desde 1969, ano da primeira avaliação americana.

O principal desafio nos EUA para o ano 2000 consiste em fazer com que a maioria dos alunos pense. Deve crescer o percentual de alunos capazes de se comunicar e escrever, refletir sobre o que lêem, resolver problemas e aplicar conhecimentos científicos.

Um estudo do Departamento de Educação dos EUA há três anos revela que 14 milhões não estão preparados para os empregos que a economia oferece, apesar de anos de avaliação e investimento no que o governo dos EUA classificou de "o desafio americano".

"O problema é parecido no mundo todo. Esperamos que a mudança não seja tão resistente aqui", diz a diretora do Departamento de Avaliação da Educação Básica do MEC, Maria Inês Pestana. O MEC aposta em um empenho maior dos pais.

Nos EUA, os americanos passam maior parte do tempo em atividades "passivas", como aulas expositivas e questões de respostas abertas. Fora da escola, pouco tempo e passam o tempo vendo TV.

Avaliação do MEC

Desempenho dos alunos, em porcentagem

	Matemática na 4ª série		
	150(*)	225(**)	300(***)
Norte	46	7	0
Nordeste	51	13	0
Sudeste	72	26	2
Sul	72	22	2
Centro-Oeste	72	23	2
Brasil	65	21	1,5

	Matemática na 8ª série		
	150(*)	225(**)	300(***)
Norte	98,5	62	6,5
Nordeste	97	53	7
Sudeste	99	80	19
Sul	99	80	16
Centro-Oeste	99	73	14
Brasil	99	73	15

	Matemática 3º ano do 2º grau			
	150(*)	225(**)	300(***)	375(****)
Norte	100	85	26	1
Nordeste	100	80	22	2
Sudeste	100	96	47	4
Sul	100	97	52	3
Centro-Oeste	100	93	44	7
Brasil	100	92	41	3,7

Entendas as graduações

(*) **Nível 150 em português:** aluno possui compreensão literal e leitura fragmentária, sendo capaz de selecionar informações em textos simples

Nível 150 em matemática: aluno identifica grandezas, reconhece representação gráfica de números fracionários, efetua adições de dois números naturais de até cinco algarismos, resolve problemas concretos envolvendo unidades monetárias

(**) **Nível 225 em português:** aluno é capaz de abordar textos longos sem perder o significado e lidar com textos práticos (manuais de instrução)

Nível 225 em matemática: aluno resolve problemas simples aplicando as quatro operações com números naturais e fracionários, ordena números fracionários em ordem crescente e decrescente, efetua conversões com medidas de comprimento

	Português na 4ª série		
	150(*)	225(**)	300(***)
Norte	55	11	0,4
Nordeste	58	15	0,9
Sudeste	74	27	2,3
Sul	72	25	1,7
Centro-Oeste	74	24	1,8
Brasil	68	22	1,7

	Português na 8ª série		
	150(*)	225(**)	300(***)
Norte	96,5	65	7
Nordeste	93,0	54	6
Sudeste	99,0	81	18
Sul	99,0	80	15
Centro-Oeste	98,0	75	13
Brasil	97,5	74	14

	Português no 3º ano do 2º grau			
	150(*)	225(**)	300(***)	375(****)
Norte	99	79	22	0,5
Nordeste	98	73	16	0,5
Sudeste	100	91	39	1,0
Sul	100	90,5	36	0,9
Centro-Oeste	100	90	36	1,5
Brasil	100	87	32	1,0

(***) **Nível 300 em português:** aluno é capaz de trabalhar com desenvoltura diferentes tipos de textos, fazer inferências construindo relações lógicas e temporais

Nível 300 em matemática: aluno tem domínio das quatro operações e sua aplicação na resolução de problemas de mais de um passo, faz operação com números inteiros relativos, usando regra de três e cálculo de porcentagens

(****) **Nível 375 em português:** o aluno compreende linguagem simbólica complexa, estabelece relações de causa e efeito, percebe e distingue a crítica, ironia e humor no texto

Nível 375 em matemática: aluno sabe posicionar um número fracionário positivo entre dois inteiros, calcula a aproximação inteira de raiz quadrada não exata de números inteiros, resolve sistemas de 1º grau, lida com polinômios, aplica a definição de logaritmo, probabilidade, equação de 2º grau e funções simples

Fonte: Saeb/MEC

ONGs debatem melhoria da escola pública

FERNANDO ROSSETTI
da Reportagem Local

Começou ontem em São Paulo o Encontro Regional de Capacitação de Educadores, que reúne em torno de 60 ONGs (organizações não-governamentais) que atuam no ensino público de 1º grau de oi-

do Estados.

Promovido pelo Proac (Programa de Apoio Comunitário), criado há três anos pelo Banco Itaú, o encontro regional de São Paulo é o terceiro de uma série iniciada em outubro em Salvador (BA) e no início deste mês em Belém (PA).

"Estamos discutindo como de-

envolver uma prática educativa para as crianças da escola pública e como articular, nesse eixo, as iniciativas do Estado e da sociedade civil", declarou ontem Maria Alice Setubal, do Cenpec (Centro de Pesquisas para Educação e Cultura) —uma das ONGs mais ativas nessa área.

3º ano do 2º grau. Eles não dominam nem sequer conteúdos curriculares da 8ª série. É uma tragédia", afirma Maria Helena Guimarães de Castro, secretária de Ava-

Escolaridade dos pais influi

da Sucursal de Brasília

Os alunos das escolas particulares obtiveram melhor resultado na avaliação do Ministério da Educação do que os das redes estadual (que ficaram em segundo lugar) e municipal (em último).

Mas o que realmente faz diferença no desempenho dos alunos, segundo o MEC, não é se a rede de ensino é pública ou privada, e sim o nível de escolaridade dos pais.

"O número de pais com nível de instrução superior é muito maior na rede privada do que na pública. Então, é lógico que o desempenho dos alunos das escolas particulares é melhor", afirma Maria Helena Guimarães, secretária de Avaliação e Informação Educacional.

O Saeb comprovou que alunos cujos pais concluíram a faculdade

de evasão e repetência nessas regiões são os principais culpados pelo desempenho inferior ao do resto do país.

têm desempenhos semelhantes, independentemente de estudar na rede pública ou privada.

"O que mais conta no desempenho da criança é o grau de escolaridade dos pais. Infelizmente, a quantidade de famílias em que pelo menos um dos chefes tem nível superior ainda é muito pequena no país", diz Maria Helena.

Só 11% dos brasileiros conseguem concluir o 3º grau (universidades) e 23,2% têm nível médio (2º grau completo).

O MEC não levou em consideração na hora de comparar o desempenho dos alunos das redes pública e particular as escolas públicas federais, que são ligadas às universidades. Elas ganham das escolas particulares, mas o MEC considerou que são "ilhas de excelência", que não refletem a realidade. (DF)

Nordeste tem resultado inferior

da Sucursal de Brasília

Os alunos do 3º ano do 2º grau das regiões Norte e Nordeste tiveram desempenho semelhante ao dos alunos da 8ª série do 1º grau do Sul, Sudeste e Centro-Oeste.

Nos testes de matemática, por exemplo, 80% dos alunos do Sul e Sudeste conseguiram responder às questões que exigiam operações com números decimais e fracionários e conversão de horas em minutos ou segundos (nível 225).

Resultado idêntico ao dos alunos do 3º ano do 2º grau do Nordeste e um pouco abaixo do obtido pelos alunos da região Norte, onde 85% conseguiram responder às questões de matemática do nível 225.

Para o MEC, a suposta falta de qualificação dos professores do Norte e do Nordeste e o alto índice

de evasão e repetência nessas regiões são os principais culpados pelo desempenho inferior ao do resto do país.

"Faltam bons professores de física, química e matemática no Nordeste e no Norte porque o salário é baixo", diz Maria Helena Castro, secretária de Avaliação e Informação Educacional do MEC.

Os professores da rede pública do Distrito Federal são os que recebem os melhores salários de todo o país: ganham, em média, R\$ 1.500 e 70% têm curso superior. Já o maior salário dos professores da rede pública do Rio Grande do Norte é de R\$ 100 mensais.

O desempenho negativo dos alunos de 2º grau do Nordeste se restringe às escolas públicas. Nas particulares, a diferença entre praticamente desaparece. (DF)